

DOI: 10.20911/21799024v15n1p126/2024

O “conceito” de identidade na obra “A Metamorfose”, de Kafka

The “concept” of identity in Kafka’s work “The Metamorphosis”

José F. Castillo Tapia, SJ¹

Resumo: Num mundo polarizado e em constante transformação, onde os vínculos sociais se tornaram mais superficiais, muitos jovens encontram dificuldade em estabelecer sua identidade. Nossa sociedade reflete a autorreferencialidade do consumismo, onde cada indivíduo trilha seu próprio caminho sem grande consideração pelo próximo. Por meio da obra “A Metamorfose”, de Kafka, e das metamorfoses vivenciadas pelo personagem principal, Gregor Samsa, que se transforma em um inseto e enfrenta situações absurdas, buscarei abordar o conceito de identidade utilizando termos da filosofia clássica, como essência, contingência e necessidade. Concluirei que a construção da identidade não ocorre exclusivamente no âmbito do eu, pois este se solidifica ao se fechar, ao se isolar. Por essa razão, a presença do Outro, a irrupção do estranho, dismantela essas barreiras, evidenciando que, no final das contas, todos nós somos Outros, essencialmente distintos uns dos outros. A dimensão ética desse entendimento nos leva a questionar: que tipo de mundo almejamos: um mundo restrito aos nossos semelhantes ou um mundo aberto a todos?

Palavras-Chave: Identidade; Contingente; Sociedade; Metamorfose. Alteridade.

1 Mestre em pedagogia pela Pontifícia Universidade de Salamanca (Espanha); Mestrando em Teologia Sistemática pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), Bolsista FAPEMIG. e-mail: josecastillo@jesuitas.es.

Abstract: In a polarized and constantly changing world, where social bonds have become more superficial, many young people find it difficult to establish their identity. Our society reflects the self-referentiality of consumerism, where everyone follows their own path without much consideration for their neighbor. Through Kafka's "The Metamorphosis" and the metamorphoses experienced by the main character, Gregor Samsa, who turns into an insect and faces absurd situations, I will try to approach the concept of identity using terms from classical philosophy, such as essence, contingency and necessity. I will conclude that the construction of identity does not take place exclusively in the realm of the self, because the self is solidified when it closes itself off, when it isolates itself. For this reason, the presence of the Other, the irruption of the stranger, dismantles these barriers, showing that, in the end, we are all Others, essentially different from each other. The ethical dimension of this understanding leads us to question: what kind of world do we aspire to: a world restricted to our fellow human beings or a world open to everyone?

Key Words: Identity; Contingent; Society; Metamorphosis; Alterity.

Introdução

Franz Kafka nasceu em Praga no final do século XIX, em uma família judaica, e recebeu sua educação em alemão. A mistura dessas três culturas - alemã, judaica e tcheca - contribuiu para que Kafka experimentasse um sentimento de marginalização ao longo de sua vida. Ele se via como um pária social, uma sensação que deixou uma marca profunda tanto em sua vida pessoal quanto em suas obras, notadamente em "A Metamorfose" (cf. CARONE, 2011, p. 2).

Para uma leitura mais aprofundada do livro, é interessante observar o relacionamento tenso que o autor teve com seu pai. Kafka enfrentou uma relação difícil e dolorosa com um pai severo, rigoroso e exigente. Algumas análises sugerem que as descrições de Kafka sobre seu pai podem ser, em parte, exageradas. No entanto, em "A Metamorfose", estabelece-se um paralelo entre Gregor e seu pai, uma possível representação do relacionamento tumultuado entre Franz e seu pai. Vários autores afirmam que Kafka e seu pai não se entendiam, mantendo um relacionamento frio e distante. Mesmo assim, Kafka sentia a pressão de não decepcionar o pai, o que gerou uma grande tensão, restringindo seus sonhos (cf. CARONE, p. 6-14).

A peculiaridade do autor reside na criação de seu próprio universo literário, conhecido como "mundo kafkiano" (CARONE, 2011, p. 9). Esse mundo é, de certa forma, absurdo, marcado por eventos fantásticos que nem os personagens nem os leitores conseguem explicar completamente, os chamados "fatos kafkianos" (*Ibid.*, p. 4). Esses eventos funcionam como metáforas que ocultam o pensamento profundo sobre o qual Kafka reflete (cf. *Ibid.*, p. 14).

O contexto social, político e econômico em que Kafka viveu desempenha um papel crucial no desenvolvimento de suas obras, como evidenciado em "A

Metamorfose". O avanço do capitalismo e a emergência de uma sociedade mais egoísta e individualista permeiam a narrativa, gerando um ambiente propenso à marginalização, um tema que Kafka pode ter experimentado em sua própria vida (cf. *Ibid.*, p. 14-15).

"A Metamorfose" é uma novela curta em que o personagem principal, Gregor Samsa, se transforma em um inseto e enfrenta situações absurdas. A maneira como Kafka aborda temas como marginalização, solidão, identidade e individualismo nesta obra é intrigante, utilizando esses elementos para tecer uma crítica direta à sociedade. Franz Kafka é reconhecido como um dos grandes autores da literatura mundial, oferecendo uma narrativa que reflete a ausência de identidade e, por vezes, de vontade, em uma realidade potencialmente opressiva.

A novela começa com a impactante frase: "Certa manhã, ao acordar de sonhos agitados, ainda na cama, Gregor Samsa descobriu que tinha se transformado num inseto monstruoso" (KAFKA, 2017, p.8). Essa frase inicial é uma das mais marcantes da literatura moderna, introduzindo imediatamente o protagonista a um sofrimento contínuo. A questão de quem condena Gregor Samsa permanece presente: seria seu criador, Kafka, tentando se punir através de suas palavras? A novela explora um homem atormentado por diversos medos.

Desde o início, surgem perguntas sobre a identidade do personagem, provocando reflexões como: Quem é Gregor Samsa? E quem somos nós, os leitores desta novela? Gregor permanece constante em sua identidade? Ele precisa saber quem é? Ele é quem deseja ser, ou apenas quem os outros esperam que ele seja? E qual é o nosso papel em meio a tudo isso?

1. O que é identidade?

A palavra "identidade", etimologicamente, deriva do latim *identitas*, que significa "o mesmo", algo que permanece constante². Ao explorarmos a questão da identidade, seja a nossa própria ou a de Gregor, pode surgir a busca por algo imutável em cada um de nós, algo que persista, que não se altere. Contudo, em uma sociedade em constante transformação, onde tudo está em fluxo, é viável pensar na identidade dessa maneira? É possível encontrar algo que permaneça inalterado em um mundo em constante mudança?

Do ponto de vista contemporâneo, duas perspectivas podem ser consideradas. Por um lado, uma identidade estável pode oferecer segurança e auxiliar na compreensão de si mesmo, assim como Gregor, que antes da metamorfose era um ser humano, mas após a transformação, que identidade ele possui? Por outro lado, a tentativa de amarrar todas as pontas soltas pode ser sufocante, levando-nos a desistir da busca pela compreensão de quem somos. Nesse sentido, talvez seja necessário reconsiderar, à luz do que Kafka nos apresenta, a relação entre identidade e essência, incorporando a contingência.

2 Cf. Dicionário Online de Português, acudir: <https://www.dicio.com.br/identidade/> acesso: 28/08/2023.

Atualmente, testemunhamos muitas pessoas submetendo-se a mudanças radicais, como cirurgias para se transformarem naquilo que não são, seja por questões de gênero ou estética. Isso destaca a relevância do tema da identidade, especialmente pelo fato de que, ao longo do romance, Gregor não perde sua identidade como Gregor, embora sua família não o reconheça mais como tal.

Ao retornarmos à filosofia, observamos que o pensamento ocidental tem refletido sobre o princípio da identidade como uma ferramenta para ordenar a realidade ao nosso redor. A identidade, nesse contexto, garante que cada entidade seja idêntica a si mesma, estabelecendo que cada coisa é o que é e não outra coisa (SILVA, 2003, p. 80). Essa relação entre identidade e entidade está ligada à natureza e à essência de algo. No entanto, surge a questão de se essa natureza pode ser reconhecida independentemente de seus elementos acidentais.

No caso de Gregor, vemos uma transformação incremental que vai além da aparência física, afetando seus gostos, medos, interações sociais e preferências. Apesar dessas mudanças secundárias, Gregor ainda se percebe como ele mesmo, evidenciando uma forma tradicional de pensar sobre identidade conhecida como essencialismo. Mesmo diante de fatores acidentais, como hábitos ou aparência, ele mantém uma essência intrínseca que o define como Gregor. Essa reflexão filosófica, à luz do universo literário de Kafka, convida-nos a repensar e questionar concepções tradicionais sobre a identidade e sua relação com a essência.

2. Essencialismo

Mais uma vez, ao retornarmos à Grécia clássica e, mais especificamente, ao pensamento aristotélico, somos levados a considerar que a essência, por definição, é aquilo que determina que algo seja o que é e não outra coisa. Ao refletirmos sobre o que permanece inalterado em Gregor, algo que poderíamos chamar de sua essência, surge a questão: o que nunca muda em Gregor e que, portanto, podemos considerar como sua essência?

Uma abordagem simples seria separar a “armadura de inseto” de Gregor, seu traje transformado, de sua essência. De um lado, teríamos as pequenas pernas, as pinças em sua mandíbula, seus hábitos cotidianos, conectando-o ao seu presente imediato. Do outro lado, poderíamos buscar o que Gregor verdadeiramente é, sua essência. Para realizar essa análise, a fenomenologia nos oferece a *epoché* ou colocação entre parênteses, uma técnica que Husserl tentou desenvolver (cf. SURDI, 2008, p. 51). A fenomenologia nos encoraja a investigar as essências na busca por uma metafísica como a primeira filosofia, sugerindo que o conhecimento da verdade é possível ao deixarmos de lado o contingente. No entanto, não irei me aprofundar nesse tema.

Continuando a análise de “A Metamorfose” e descartando todas as características circunstanciais que envolvem o personagem principal, Gregor, a questão persiste: ele continuaria sendo Gregor? A fenomenologia sugeriria que

encontraríamos sua essência, algo mais profundo que o define. No entanto, esse Gregor supostamente não estaria ainda situado em um aqui e agora? Ele ainda é Gregor, detentor de um nome, mesmo que, no desfecho da peça, sua irmã recuse pronunciá-lo. Mas não é o nome também um produto da cultura? Não existe algo além do circunstancial, do acidental, que constitui cada pessoa? Se a resposta for afirmativa, estamos tratando de essências. Contudo, se a resposta for negativa, um conceito fundamental do pensamento ocidental começa a se desintegrar. Pois, se não há nada além das circunstâncias que definem o que Gregor é, como poderíamos afirmar que ele é sempre Gregor?

2.1 Essencialismo e sociedade

Atualmente, o essencialismo apresenta desafios significativos quando tentamos transitar do pensamento de uma identidade individual para identidades coletivas, como as sexuais, religiosas e nacionais. Este fenômeno é evidente em diversos coletivos e associações contemporâneas.

Para explorar uma perspectiva contra-essencialista, recorrerei a um exemplo que, apesar de parecer nos afastar da obra que estamos analisando, acredito que, na verdade, a complementa. Kafka estava imerso em uma sociedade capitalista com traços de nacionalismo em vários países. Portanto, examinarei essa problemática a partir da ideia de nacionalidade.

Se adotarmos uma reflexão essencialista sobre a nacionalidade, isso sugeriria a existência de um “ser nacional”, no caso, uma “brasileiridade”, com uma natureza clara e definível. No entanto, ao considerarmos com mente aberta, percebemos como o Brasil foi moldado por uma longa tradição migratória, sendo um país rico em culturas, idiomas, raças, etc. Torna-se desafiador identificar as características essenciais da “brasileiridade”. O que se revela mais relevante aqui é questionarmos como essa ideia se fundamenta. Surge então a questão da identidade, conforme aponta Tadeu da Silva:

A afirmação ‘sou brasileiro’, na verdade, é parte de uma extensa cadeia de ‘negações’, de expressões negativas de identidade, de diferenças. Por trás da afirmação ‘sou brasileiro’ deve-se ler: ‘não sou argentino’, ‘não sou chinês’, ‘não sou japonês’ e assim por diante, numa cadeia, neste caso, quase interminável. Admitamos: ficaria muito complicado pronunciar todas essas frases negativas cada vez que eu quisesse fazer uma declaração sobre minha identidade. A gramática nos permite a simplificação de simplesmente dizer ‘sou brasileiro’. Como ocorre em outros casos, a gramática ajuda, mas também esconde (SILVA, 2003, p. 73).

Podemos identificar os brasileiros com certos padrões culturais, mas justificar uma essência nacional, como se houvesse um “DNA brasileiro” dado pelo local de nascimento, torna-se complexo. E se o que consideramos essência não passar de construções de significado feitas pelo homem, moldadas por interesses, origens ou contextos específicos? E se a ideia de essência estiver mais relacionada ao poder, uma tentativa de fixar uma ideia particular como verdadeira, de modo que ninguém possa modificá-la? (cf. SILVA, p. 75). E se mudarmos o

fundamento da identidade, começando a vê-la como uma busca em vez de uma certeza? E se questionarmos não apenas quem somos, mas quem estamos nos tornando, como podemos nos criar melhor? Se respondermos afirmativamente a essas perguntas, Gregor não seria mais Gregor, ele seria o que ele deseja ser. No entanto, a peça nos mostra que Gregor nunca deixa de ser Gregor.

É crucial destacar que, diante do exemplo mencionado, é fácil cair na alienação. A “brasileiridade” pode ser pura ideologia, confundindo o essencial com construções mentais. A essência de “ser humano” prevalece sobre a pertença a um território específico ou inclinação sexual. Devemos, portanto, estabelecer uma posição sólida que não transforme todas as construções culturais, biológicas ou religiosas em absolutas, distinguindo entre o contingente e o necessário

3. O contingente e o necessário

O termo “contingente”, em oposição a “necessário”, sugere que as coisas podem variar, sempre podendo ser diferentes. A contingência postula a variabilidade e a possibilidade de mudança. “Portanto, pensar em ‘o que é’ de forma quantitativa ou qualitativa implica não ser capaz de pensar nele como contingente, possível, real ou necessário, mas simplesmente como ‘ser’ ou como ‘sendo’ na medida em que for específico” (GUZMAN, 2006, p. 4).

No contexto da obra “A Metamorfose”, observamos que Gregor, ao acordar, passa por uma transformação radical. Embora hoje ele seja humano, ao descobrir-se metamorfoseado, deixa de ser Gregor e se torna um inseto. A “necessidade” sustenta que as coisas são apenas de uma maneira e, em essência, não podem ser alteradas. No entanto, uma identidade contingente destaca o caráter mutável do real, ressaltando que as coisas estão sempre se transformando porque seu significado, estabelecido pelos seres humanos, está constantemente mudando.

A metamorfose retrata uma mudança, uma transformação. Questiona-se se há um ser humano intrínseco em Gregor, uma definição da essência do homem, ou se o homem é um ser contingente que está se transformando e se reinventando constantemente. A frase de Heráclito de Éfeso, “ninguém pode se banhar duas vezes no mesmo rio”, destaca a validade da mudança sobre todas as coisas. Ela sugere que, como um rio, estamos sempre em fluxo, sempre nos tornando outros. Nesse sentido, a essência poderia estar vinculada ao Outro?

Se estamos sempre sendo Outro, cada um pode escolher livremente a identidade que deseja? Contudo, não podemos simplificar essa questão, considerando que o oposto do essencialismo é uma sociedade em que cada “eu” decide livremente o que quer ser em um dado momento. Essa visão confunde identidade com consumo e não leva em conta a complexidade das influências sociais. Vivemos em uma sociedade de consumo, e a cultura de consumo molda nossas identidades. A identidade torna-se parte do mundo das estratégias de marketing e, em certa medida, uma forma de ideologia. Consumimos identidades, mas será que isso nos transforma no que os outros desejam que sejamos?

Essas reflexões se conectam ao início da peça, quando Gregor expressa o cansaço de suas escolhas exaustivas. Ele destaca as dificuldades do comércio, as preocupações com viagens, alimentação inadequada e relacionamentos efêmeros. Esse trecho ressalta como as pressões da sociedade e do consumo afetam a construção da identidade, levando-nos a refletir sobre até que ponto somos definidos pelo que consumimos e pelas expectativas alheias.

“Meu Deus”, ele pensou, “que trabalho exaustivo fui escolher! Entra dia, sai dia na estrada. O estresse do comércio é muito maior do que o trabalho no escritório e, além disso, tenho de aguentar as dificuldades de viajar, a preocupação com as conexões de trem, a má alimentação, os relacionamentos temporários e efêmeros que nunca tocam o coração” (KAFKA, 2017, p. 9).

Considerações finais

A morte de Gregor e a aparente reação egoísta de sua família revelam uma sociedade consumista e individualista, na qual cada indivíduo trilha seu próprio caminho sem grande consideração pelo próximo. Gregor morre solitário, marginalizado e separado, apesar dos inúmeros sacrifícios feitos para proporcionar estabilidade econômica à sua família. O fardo financeiro recaiu sobre ele, uma escolha que, como se evidencia no desfecho da peça, não era tão crucial como inicialmente percebido.

Ao discutir identidade, podemos considerá-la como um texto, uma história, uma narrativa. Cada um de nós constrói uma história sobre si mesmo, uma narrativa que se adapta e evolui ao longo do tempo. Quando Gregor fala sobre si mesmo, ele não está expondo toda a sua verdade ou sua complexa relação com o pai, a irmã, a empregada, o chefe ou o gerente. Ele interpreta a si mesmo, combinando variáveis para formar a imagem que ele deseja ver de si mesmo naquele momento.

Estamos constantemente interpretando, fragmentando e parcializando nossa identidade. Existimos em um mundo moldado por fatores sociais, culturais, de gênero e de classe, mas também contribuímos para a criação desse mundo. Uma identidade fechada exclui o outro, o estranho, tornando-o invisível, incompreensível ou intolerável.

A identidade não se limita ao âmbito individual, pois o próprio indivíduo se solidifica ao se isolar. A presença do Outro, a entrada do estranho, derruba essas barreiras, revelando que, no final, todos somos Outros, essencialmente diferentes. No entanto, é crucial reconhecer que nada construído pelos seres humanos é puro; etnias, nacionalidades e religiões se formam em contato com a diversidade.

Embora haja algo maior que nos una, algo essencial que nos torne seres relacionais, a resposta à essência do homem permanece um mistério. A ética resultante dessa reflexão nos instiga a questionar que tipo de mundo desejamos: um exclusivamente para os seres humanos ou um mundo aberto a todos. A no-

ção de uma essência que persiste sugere que essa identidade nos é dada pelo Outro. Permitir que o Outro, como um mistério, aconteça em nós é essencial; marginalizá-lo ou afastá-lo equivale a transformar o outro em um ser desagradável, como ocorreu com Gregor.

Referencias

CARONE, Modesto. *Essencial Franz Kafka*. São Paulo: Penguin, 2011.

KAFKA, Franz. *A Metamorfose em Franz Kafka 1883-1924*. São Paulo: Novo Século, 2017.

QUINTANA, Luis. Algunas consideraciones críticas sobre Kafka y La metamorfosis. *Espéculo. Revista de estudios literários*. Universidade Complutense de Madri, 2002.

MONTES, Victor. Franz Kafka y la postmodernidad. Trabajo fin de máster, Máster en filosofía teórica y práctica, Universidad nacional de educación a distancia, Madrid 2014.

SURDI, Aguinaldo Cesar. *A fenomenologia como fundamentação para o movimento humano significativo*. Dissertação de mestrado na Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis 2008.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *A identidade e a diferença*. Petrópolis: Vozes, 2003.